

ARON, O ópio dos intelectuais, uma releitura não faria mal a ninguém

Em boa hora a Editora Três Estrelas, republicou o texto de Raymond Aron, em 350 páginas ele nos mostra o que devemos saber sobre uma categoria social de suma importância como os Intelectuais mas, mostra também seus vícios.

O livro se apresenta dividido em três partes, mais um prefácio, e ainda, conclusão, notas bibliográficas e índice remissivo.

A primeira parte trata dos Mitos, da esquerda, da revolução, do proletariado e ainda sobre o otimismo político, vejamos como:

Ao tratar dos mitos da esquerda, começa por situar a origem do termo pelo dicionário de Littré: “o partido de oposição nas câmaras francesas, o partido que ocupa os assentos à esquerda do presidente”. E, vai além para concluir: “A palavra, no entanto, não significa mais oposição. Os partidos se alternam no poder e o partido de esquerda continua sendo de esquerda, mesmo estando no governo.”.

A esquerda na França e no Brasil também, possui tanto prestígio que mesmo os partidos de direita no Brasil, ou mesmo na França, procuram se situar perto do centro ou mesmo no centro esquerda, isso sem se importar em defender aquilo que a esquerda mais tradicional define como direita.

A tradição na França criou a imagem de que a direita é um partido da tradição e dos privilégios, contra a esquerda, partido do futuro e da inteligência. Essa constatação é feita pelo próprio Aron.

Nos chama atenção de que no mito da esquerda está contido a crença de progresso contínuo e que isso deve ser obtido de qualquer forma até pela revolução, esse cacete vem da Revolução Francesa, que fracassou, mas embutiu na mente da esquerda que essa é uma forma de progresso.

Outro mito é do proletariado, Aron, faz uma análise do termo e de sua transição pela história francesa e no mundo Ocidental e conclui não haver como definir uma Classe como Proletários. Essa dificuldade se encontra do ponto de vista teórico, até porque ele mesmo aduz, os trabalhadores que trabalham na área industrial e com as mãos são os que se denominam Proletários. A dificuldade está em que se atribui a essa possível Classe o dever histórico de deflagrar uma revolução pelo simples fato de serem predestinados segundo a teoria marxista.

Ora, os trabalhadores urbanos como hoje conhecemos no Ocidente, produzem são bem remunerados e se constituem em outra força política, sua participação nos sindicatos mostram outra face ou seja, tomam os lugares na sociedade e dela participam em todas as esferas da cultura e de forma das mais variadas como serem humanos aculturados que são.

Portanto a leitura deste livro é muito importante para desmistificação de certas premissas da esquerda.

Por fim, nessa primeira parte ele aborda o otimismo político, diz: “Esquerda, revolução, proletariado, esses conceitos em moda são réplicas tardias dos grandes mitos que outrora animaram o otimismo político: progresso, razão, povo.”.

A esquerda crê que deve quebrar a resistência dos interesses para implantar uma sociedade mais justa, e nisso reside o apoio a revoluções, isso não quer dizer que a direita também em várias ocasiões históricas não tenha apoiado a revoluções. O que ele nos afirma é que o otimismo deriva de uma crença de que existe a possibilidade de se construir um novo homem, o que a história nos mostrou até hoje é que onde a esquerda assumiu o poder os homens continuaram os mesmos e que a riqueza lá não desabrochou.

Na segunda parte, Idolatria da História, ele inicia com o item, Homens de igreja e homens de fé, numa alusão as crenças da esquerda. Ele afirma de saída: “O marxismo não ocupa mais um grande espaço na cultura do Ocidente, nem mesmo na França e na Itália, onde uma parte importante da intelligentsia abertamente se filia ao stalinismo. Em vão se procuraria um economista digno desse nome que se possa qualificar de marxista no sentido estrito do termo. Em O capital, uns percebem o pressentimento das verdades keynesianas, outros, uma análise existencial da propriedade privada ou do regime capitalista. Nenhum deles prefere as categorias de Marx às da ciência burguesa quando se trata de explicar o mundo atual. Da mesma forma, em vão se procuraria um historiador importante cuja obra reivindicasse para si o materialismo dialético ou dele decorra.”. A citação é grande mas importante, lembro que no Brasil ocorre o contrário, ou seja, todos querem ser marxistas.

A conclusão de Aron é que o marxismo é uma religião uma vez que tem os dogmas e esses dogmas por mais que a história os derrube são novamente levantados como se nada tivesse acontecido com a vida real.

Na sequência trata do “sentido da história”, na perspectiva de provar que se trata de dogma a crença dos homens de esquerda marxistas, diz: “Em pensamento, eles imaginam um momento, final ou perfeitamente admissível da história: uns o denominam sociedade sem classes; outros, reconhecimento do homem pelo homem. Uns e outros não colocam em dúvida o valor incondicional e a originalidade radical desse momento futuro com relação a tudo que o precedeu. Esse “estado privilegiado” dará sentido ao todo.”. Ve-se com clareza o pensamento de Aron, há uma crença e isso se tornou um dogma.

Aborda sobre a “A ilusão da necessidade” nos mostrando que não há determinismo nas decisões humanas, como parecem acreditar aqueles que professam as diversas crenças da esquerda. Para isso dá o exemplo, dentre outros da decisão de Hitler sobre a operação Barbarossa, poderia ter ele suspenso a operação o que o levou a determinar seu início que se mostrou catastrófico, as circunstâncias, a história, tudo pode ter até influenciado sua decisão, entretanto foi apenas a crença de que estava certo, não estava vinculado a qualquer determinismo, até porque, se tivesse agido diferentemente qual a certeza que podemos ter que não lhe traria resultados do mesmo jeito. Exemplificando diz: “A história política das guerras e dos Estados não é

inteligível nem acidental. Não é mais difícil entender uma batalha do que as instituições militares ou os modos de produção.”.

Concluindo a Segunda Parte, trata “Sobre o domínio da história”, para salientar que “A história é feita por homens que agem em circunstâncias que não escolheram, seguindo os seus apetites ou ideais, com conhecimento imperfeitos, ora padecendo pelas imposições do meio, ora triunfando, dobrados pelo peso de costumes imemoriais ou impulsionados por um elã espiritual.”. Portanto o que Aron quer dizer é que não se pode simplificar a história como o fazem os historiadores marxistas, como mais adiante ele vai mencionar.

A Terceira Parte ele trata da “A alienação dos intelectuais”, primeiro os intelectuais e a pátria, depois suas ideologias, nas duas avaliações ele nos conta historicamente um pouco do desenvolvimento dos trabalhadores do pensamento, concluindo ser a França o paraíso dos intelectuais.

A seguir trata sobre a busca de uma religião por parte dos intelectuais, e discute se uma doutrina sem Deus pode ser chamada de religião. Sobre isso destacamos o que Aron escreveu: “O profetismo marxista, como vimos, está em conformidade com o esquema típico do profetismo judaico-cristão. Todo profetismo traz em si a condenação daquilo que é e esboça uma imagem do que deve ser e será, e escolhe um indivíduo, ou um grupo, para vencer o espaço que separa o presente indigno do futuro fulgurante. A sociedade sem classes, que terá progresso social sem revolução política, é comparável ao reino de mil anos, sonhado pelos milenaristas.”. Não resta dúvida sobre a explicação de Aron.

O último item da Terceira Parte ele trata do “Destino dos intelectuais” nesse item, nos traz uma análise sobre os intelectuais europeus, especialmente os franceses e ainda a esquerda soviética, para concluir que na França os intelectuais não estão submetidos a um patrulhamento como ocorre na União Soviética, lembremos que quando foi escrito este livro havia o império soviético, para concluir ou se perguntar se os intelectuais submetidos ao patrulhamento vão, algum dia, se rebelar e proclamar o estado policial em que vivem. Concluir dizendo: “Na Europa que ainda respira livremente, a intelligentsia de esquerda continuará a se sentir alienada a ponto de aspirar a esse alinhamento? Privada de uma fé autêntica, deixará de se identificar ao profetismo, alma das grandes ações, passando a se reconhecer na religião secular, justificativa da tirania? Eis a questão.

Em conclusão fala do fim ou não das ideologias, ele acredita que elas não estão no fim, e para concluir diz: “Desejemos a chegada dos cétricos, se eles puderem extinguir o fanatismo.”. Frase que mostra que devemos rejeitar os salvadores da Pátria.

Arsênio Eduardo Corrêa
Março de 2017